

Renato Tapado

mulher azul

(diário feminino)

Para Deise Lucy.

Para Isabela Sielski, Helô Espada, Luciana Cesconetto, Eliane Lisbôa, Karin Veras,  
Cecel Vieira, Maria Ignez Mello, Rosana Cacciatore, Édina De Marco, Valeria Herzberg e  
Raquel Stolf.

Para Maria Emília de Azevedo.



*Não ser poeta, escritor, filósofo segundo essas noções; mas se eu  
o devesse ser, antes contra elas.  
E até mesmo – não ser homem.*

Paul Valéry



Acordei como quem sonha, pulsando com a luz que entra pelo bambu, numa névoa morna. Despertei com o sonho como mãos quentes de pão em meus seios. Olho pela janela buscando pétalas, mas são manchas num muro.

No escuro do armário me descubro.

Lembro de uma música que esqueci. Vislumbro essa harmonia diáfana entre meus passos na praia. Tento me agarrar a alguma nota, mas me perco. Então abro os braços para o azul.

Hoje decidi uma aventura: que tudo fluísse sem sossego nem sombras. E aproveitei o Sol para esparramar minhas coxas por aí. Saí de bicicleta com rumo certo. Mas colidi com beija-flores e me perdi.

Escrevi dez páginas. Investiguei aspectos filosóficos do ser e do destempo. Construí idéias sólidas e convincentes. Estou tão mulher, assim, quando me convenço, que até me assusto.

Eu teorizo de bermuda e camiseta.

Ontem a torneira quebrou. Martelei daqui, apertei dali, e até usei de violência, pois minha paciência é curta. Mas a torneira escorre, é prateada e tem as curvas suaves como nuvens.

Hoje, consegui ficar muda.

Como é primavera, abri a casa toda e me estirei nua sobre a cama me acendendo com o Sol na pele. À noite fui a uma festa, e um cara me olhou tanto que bailei, delirei e beijei minha amiga na boca. Me excitei tanto que fui dormir nervosa.

Na primavera também me deprimio.

Toda a consistência das coisas me persegue, e são duras. Toda a insensatez das pessoas me incomoda, e não é loucura.

Hoje, vou ficar em casa.

Chegando em casa à noite, toda a mata exalava silêncio. No meio da estrada, estatelado no asfalto, um gambá. Me aproximei. O corpinho dele de lado, os pêlos parecendo espinhozinhos finos, o rabinho pelado e dois olhinhos pretos. Os olhinhos ainda brilhavam, úmidos. Estacionei, abri a porta, sentei na poltrona com as luzes ainda apagadas.

Se eu cantasse, tremia.

Olho para o mar com olhos de águia. Os siris se escondem. Tenho vontade de comer terra.

Hoje de manhã estou como uma loba sem sonhos.

Como é primavera, saí descalça, mas o solo estava frio – pedras, musgos, a areia da praia. Mas segui firme: queria que um arrepio me sacudisse as fibras como um relâmpago.

Faz tempo que não transo.

Caminhando, encontrei um gato. Ele se enroscou em mim como se já me conhecesse:  
um gesto gratuito. Fez eu me sentar no chão, me fez rolar com ele e sentir a textura do seu  
pêlo pérola, fez eu rir sozinha no meio da cidade, atônita.

Não era gratuito.

Pensei durante duas ou três horas ininterruptamente. Foi assim: por que me excito na cidade com seus cafés abertos e suas livrarias, os horários do cinema na cabeça e aquele restaurante de massas? Por que adoro Buenos Aires e, estando lá, penso no mato, no mar, no cheiro de jasmim? Por que estou sempre tão inquieta, à espera de algo que nunca me acontece, disposta ao risco de um prazer inédito, certo? Por que não paro de pensar e não fico um instante quieta num canto?

Cansei.

Um homem tem algo tão homem que não sei definir. É estranho que esse algo aparece quando estão de paletó ou quando estão nus. (Por que os filmes não mostram o homem nu de frente?)

Um homem tem uma arrogância, uma elegância violenta, que às vezes chega a ser atraente.

Gosto muito dos músculos masculinos, mas o que me deixa mais desamparada são os olhos deles.

Não sabia por que tinha começado a escrever. Mas agora sei por que não posso parar.

Às vezes tenho que parar o carro, descer, voltar a pé alguns metros para vislumbrar, no meio das árvores, uma mariposa estranha. Em casa as lagartixas me ajudam nessa tarefa. Os gatos indicam onde elas estão – mas quase sempre é tarde demais. Outras vezes me fixo no imponderável de uma folha.

Dizem que sou meio avoada, mas sou mais: eu sou etérea.

Me lembro que eu tinha um namorado muito mais velho que eu. Uma noite fomos jantar num lugar à luz de velas. Tocava uma música árabe. Numa mesa próxima, um homem sozinho, com a aparência cansada, bebericava um vinho tinto, e de vez em quando – eu *sei* – ele me reparava. Nessa época eu tinha os cabelos longos e meio rebeldes. Falando sobre os pratos e os vinhos, acabamos conversando com esse homem. Algumas pausas, alguns olhares e um diálogo mínimo. Bebemos mais vinho. Perto de ir embora, o homem nos olhou e disse, mirando mais meu namorado: “Vocês estão juntos?” “Sim”. Então o homem falou, olhando de relance para mim: “Pois tenho que confessar que tenho inveja”.

Então levantei, fui lá e dei um beijo no rosto dele.

A sensação que mais me aflige é a de ter tanto, estar sobrecarregada de coisas para compartilhar, para *ceder*, e morro com tudo isso em cima de mim numa vala do grande deserto.

Ontem escrevi isso:

“Eu tenho uma espera. Chega a ser arcaica essa pureza do instante incompleto. Como se eu fosse feita apenas de águas. Quando nado, tudo se resolve sem a solidez de um ato ou de uma idéia. Mas a piscina é um limite, um comportamento. E minha espera é constituída de expansões, embora à beira, no limiar do abismo. Qualquer lago me atualiza. O mar, então, é uma perplexidade que sei, como os pássaros: eu também me embriago pelo vôo. Nauta sem bússola, pronta para o mergulho: é assim que alimento a minha sede, ajudando o calendário. Sonho com a impaciência da gaiivota. Teço aquilo que nunca acaba, conto todas as noites a penúltima, a que não há. É quando minha espera é uma vertigem, quando danço com a música do meu próprio silêncio, abro a inconsistência até o limite, mordo o perigo. Me movimento na água, e minha lucidez respinga. O meu diálogo é com os golfinhos, que percebem na passagem. Só que eles não esperam, apenas nadam no infinito líquido sem tempo. Por isso os golfinhos sempre sorriem: o tempo se derrete em tanta água, e o golfinho e o mar são uma coisa só, sem olhares ou toques, sem pensamento. E quando fala, sua voz experimenta a delícia do volume e do diálogo com a água, com os botos. Minha voz é seca. Quando falo, tropeço em pedras. Sou na consistência da dureza, mas flutuo. É que, na minha espera, imito a pluma. E desvaneço as nuvens quando durmo, sonâmbula na madrugada azul sem luas. Todas as horas pesam. E eu tenho o pretexto da espera para levitar: sou alada como uma bruxa. Voando, vibro. Sou um instrumento de sopro, mas sem finalidade. São, côncava, na tessitura de um acorde. Então me alargo. Disponho a gramatura de uma nota sobre o campo, como um lençol estendido de girassóis: sou amarela. E peço por esperar. Tudo que vislumbro são sinais sem eco. Minha espera é vazia. Compartilho com a maré a redundância da falta. E me repito na ausência de uma resposta: eu sou aquela que lançou a dúvida no espelho. Todos os minutos são iguais. Meu gesto se intercala entre tédio e tédio, fome e fome. Sou é no apetite do etéreo. Abro a exuberância do dia sem opção,

na calada da tarde, no improviso da sílaba. E o que recolho são instantes murchos: a flor é para quem acredita. E a solidão do espinho do limão reverbera em minha voz plena de sais, de águas secas. Tenho todo o tempo da espera, menos a vida. Possuo a febre do inacessível. Tento e me tapo. Saboreio a tremura de um frio na alma, eu toda ardente de neve: só sou barroca porque me perco. E engulo letras azuis.”

Ontem saí de minissaia. Alguns homens me olhavam de um modo, que eu queria ter me escondido. Mas hoje, hoje eu saí de calça comprida e camisa, quase ninguém me olhou, mas foi quando eu estava mais exposta, mais crua.

Sou de uma timidez sinuosa.

Tenho instigado os pássaros. Há semanas que não trago peixes, e eles continuam me mirando nos olhos. Imagino diálogos com eles, palavras que não troco com ninguém. Eles sempre me olham como se me perguntassem por aquilo que também é minha falta.

Nenhum domingo termina pra mim. As horas vão se acumulando sem que eu me satisfaça. Tudo se dilui na paisagem, no mar, no cinema, na taça de vinho. Depois, é como se eu quisesse estender o dia até o limiar de uma promessa que não chega.

Nos domingos vou dormir incompleta.

Anteontem faltou luz quando eu preparava algo para jantar. Tive que distribuir umas velas pela casa e adaptar meus olhos ao ambiente. Quando comecei a mexer com ervas, passei a fazer tudo mais lentamente, esticando o ritmo dos meus gestos. Eu via outras cores no mundo. Tudo se tornava íntimo, tudo carecia de conspiração e se aninhava numa face aconchegante do silêncio. Comi aos poucos, com o aroma das pimentas, a leve acidez do vinho e o pequeno calor das velas e do prato.

Nesse dia fui dormir tarde.

Tem dias sem sono, cinzas, em que esboço alguma fuga, mas não saio do lugar. Olho pela janela, sinto o frio que as árvores açoitadas estão sentindo e penso em decidir algo, como ler um livro ou fazer um café. Sento para pensar um pouco. Conto no relógio cinco, dez, quinze minutos e sigo sentada entre um gesto e outro que acabo não decidindo. São quinze minutos em que não movo um pé, o silêncio se acumula, estou tão só que nem o gato me dá bola.

Então me enrosco em mim mesma como se agarrasse um caracol de lã.

Quando a noite vai se avolumando e os pontos de luz laranja se incrustam no azul marinho da lagoa, paro. Fico quieta olhando a lua, e queria dividir esse instante com alguém. Mas se tivesse companhia não seria o mesmo azul, a mesma lua. Eles me dizem tanto – mas não sei bem o quê. Tenho tanta vontade de escrever nesse silêncio escuro, mas não posso. Fico apenas de olhos bem abertos, embasbacada com o que há.

Tento esquecer por que cresci tanto e agora estou assim, do tamanho de um arbusto de 1,65m. E sou essa coisa presa à terra, e meus frutos caem no chão, se esmagam e apodrecem. Tento esquecer como surgi no meio desse mato assimétrico e escasso. Mas também tenho minhas flores, que às vezes luzem seu brilho intermitente.

Quando me sinto sozinha, saio, deslizo pelos bares e me sento em algum lugar diante de algo para comer e beber. Continuo com a sensação solitária, mas só por dentro.

Manuel Puig escreveu em *O beijo da mulher aranha*: “se o mundo fosse feito só de mulheres, não existiriam torturadores”.

É que ele não conhecia as mulheres.

Sonhei o seguinte:

Eu trabalhava numa loja de roupas, e na frente tinha um bar. Uma noite sentou um homem e pediu um vinho. Ele ficava bem na minha mira. Tocava uma música forte, e eu comecei a dançar na frente de um grande espelho, onde eu via o homem lá no outro lado da rua. Esse homem escrevia algo num bloquinho, e eu provava blusas. Terminou a noite, e não vi mais o homem. Mas era sobre mim que ele escrevia.

Sábado, um homem me tocou como se fosse pela primeira vez. As mãos dele eriçavam meus pêlos ainda antes do toque, tão tênue quanto a pele de uma fruta, como se eu levitasse encostada nele, como se eu fosse perdendo a respiração com a sua temperatura. Cheguei a cansar de conter, sei lá, um grito, presa que estava naquela praia aberta que me dava medo, e eu tremia debaixo d'água.

No dia seguinte lhe mandei rosas champanhe.

Esta noite voltei do cinema com um desejo sei lá do quê. Estava tudo tão comovente, até a chuva fina e a noite densa. Não uma comoção de lágrimas ou historinhas românticas, mas o impacto leve de um filme inteiro, que me agarrou como arte. O que mexe comigo é inteligente. E pousei, depois da aventura, no meu oásis privado. Caminho pela casa, escuto Natalie Cole, me sento. Até camarão comi, e taças de um vinho levemente dourado. Mas continuei faminta.

Minha espera é a de uma mulher que suspira contra a insuficiência, essa falta que me atravessa. Quantas horas deslizam por mim cheias de vozes, “ois”, “bons-dias”, “tudo-bens” vazios, em que uma resposta sim ou não dá na mesma, como diálogos ociosos entre uma refeição e outra. Eu engulo minha mudez como o biguá o seu peixe prateado.

Ontem fui surpreendida por um grito. Passou uma mulher em frente à minha janela, e senti quase uma falta de ar, um tremor interno, uma coisa. Ela berrava um espanto. Não era palavra: era um grito, uma pulsão exacerbando a ira numa esquina. Não levantei. Não disse nada. Olhei para a porta do armário, seu amplo espelho, e me evitei.

O passarinho despencou na sacada. Começou a se agitar no chão de madeira, sacolejando, mas não saiu dali. Me aproximei como quem quer roubar algo. Tinha medo de desmontá-lo, e ele ali, sem forças, num espaço que não era o dele. Dei mais um passo. Ele tentou voar, mas não pôde. Então o agarrei. Ele quis se debater, eu agüentei. Meu coração pulava com aquela vida quente nas mãos. Todo um céu se concentrava ali, naquele vôo latente. Os olhinhos pretos dele espiando o mundo. Então, como quem não crê em mais nada, voamos.

Hoje, chorei como se precisasse. Almocei, lavei a louça e fiquei espiando, intacta, a chuva lá fora e sua textura cinzenta. Nenhum ruído na rua. O dia parou em mim, e me estiquei no sofá com um cobertor nos pés. Não tinha nada pra pensar, e então comecei um choro que puxei de alguma mágoa acumulada de tantos desencontros, tantos tropeços. Eu soluçava sozinha. Até que fiquei em silêncio. A chuva parou. O tempo me deu uma trégua.

Estou com o corpo feito de cristal. Rolo lentamente na areia sem rochas, quase levitando, e qualquer ruído agudo pode me estalar. Estou como se fosse a mais delicada das matérias. Tenho carência de lã. Contenho as formas da água e me alongo, frágil, na manhã aberta e azul. E sofro com a turbulência do solo.

Caiu um morcego. Estatelado no cimento cinza, aquela mancha escura respirava e era alada. Me olhava de lado, e cada pata mostrava suas garrinhas. Caiu e, com as asas abertas para o chão, barriga pra baixo, movia seu olho diminuto sem apelo, sem brilho. Ele estava vivo como uma planta. Parecia um pássaro com pêlos, um minianjo negro, com cara de mamífero cadente. Entrei em casa procurando o que fazer e, quando saí de novo, o morcego já não estava lá, já tinha partido para o imponderável, já tinha terminado sua trégua com o concreto do mundo.

Não sei se estou escrevendo o que me acontece ou o que não me acontece. Grafo a falta: a falha entre o sem e o com, as entre-horas vazias, as margens do estar. Perdida, me agarro à matéria-sílaba, presente, flecha que me alça em vôo. Um diário é abraçar uma plenitude oca. Espero por mim na esquina. Canto, e minha voz me entrega a mim mesma, carente de lugar. Cada frase é um cadafalso, um lume. Espio a rua e me deparo com o caminho aberto. Fecho o caderno, guardo tudo na gaveta, vou dormir. Mas sigo inflada com a imprecisão da carência e do tempo veloz.

Caminhar pela rua à beira da lagoa é como percorrer nuvens. O tempo estendido de um instante ocioso, azulado pelas águas, riscado pelas asas pretas dos biguás, esbranquiçado pelo olhar da gaivota. Caminho observando o ínfimo que se esconde nos lugares mais amplos e abertos para o nada. Uma folha ou uma pedra é um evento para mim, como essa garça, aquele barco. É quando sofro pela inconsistência das coisas e me atenho à concretude da espuma causada pela lancha ou pelo mergulho de um pássaro faminto. Então me apego ao ar, a mim mesma, ao verde montanhoso e tento me livrar do naufrágio.

Vivo num esboço de vida, numa página áspera de branco, escutando o risque-  
risque da caneta preta no silêncio de tudo. A própria textura é um obstáculo, e minha  
mão adere à consistência do papel como a água se infiltra nos grãos infinitos da praia.  
Me esqueço nesse deserto sem ecos. Grito e me assusto sozinha. E na exatidão da  
brancura sem falas elaboro uma frase úmida, disposta ao exercício da espera, como  
gotas, águas azuis, estrelas.

Este diário é feito de quase-acontecimentos, quase-fatos, coisas na iminência, à espreita. Hoje, por exemplo, acordei me espreguiçando toda, abrindo as pernas, me roçando em travesseiros fofos, enrolando lençóis. Demorei para tomar café. Me estiquei para abrir um pouco a janela – só um pouco, pois queria uma luz difusa, queria me coçar, sentir o cheiro dos meus joelhos, das minhas coxas. Quando durmo sem calcinha fico tão nua, tão exposta à pele da cama, que sinto cheiro de café, de pão quente, de manteiga. E gozo.

Acho que é sonho ou uma imagem, não sei. Um cara me empurra contra a parede, ela é dura, mas pra mim é como um colchão em pé. Ele põe as mãos grandes aqui embaixo e me abre, me abre as pernas, não sei se eu tento parar ou não, mas me sufoco de tanto meus peitos incharem, ele me vira de costas com força e me abre, me abre que chega a arder, e ele é encorpado, apressado. Eu tenho medo, mas é um medo gostoso, um medo violento e doce.

Sento na terra e estico os braços para as folhas úmidas. Meu aconchego se dá em meio às árvores, olhando a chuva e, lá longe, um barco encostando. Quando tudo está cinzento, eu brilho, como essas flores amarelas na massa verde de copas e folhagens. O céu desaparece entre a neblina, e eu venho à tona, olhando o mar salpicado de chuva, como pintura. Todos os pássaros me investigam. Todas as lágrimas me delatam. Eu molho minhas coxas e deslizo no barro. Na chuva fico mais doce. E trabalho, como a saliva da formiga, tecendo surpresas.

Que merda quando tudo dá errado, o café ferve, o pão queima, ninguém atende, o pneu furado, a fila, o engarrafamento, o tropeção na pedra. A carta que não chega. No fim do dia, puta, vou beber em algum lugar com gente conhecida, o papo mínimo, sem gosto, a solidão no espelho, a pressa – para quê?, para onde? –, a noite negra e tchau.

As mulheres são moles, maleáveis, líricas. Mas mordem. As mulheres, quando sozinhas, doem. Eu, quando vejo uma, me dobro diante dessa imagem única, brilhante, que ela exala. As mulheres são brabas. São lúcidas – translúcidas –, transitam por onde ninguém vê *e chegam*. Elas têm fome: *e mamam*. Elas conquistam o último reduto e o dão de presente. As mulheres se beijam, se agarram, e trepam até o último degrau, até o último céu – e abraçam, saciadas, uma estrela.

Semana passada, tropecei.

Juro. (Quase não lembrava mais.)

Topei com o pé naquela puta pedra.

Pedra puta.

Tropecei mesmo. Ninguém viu. Tava tudo vazio ali. Só eu e a pedra.

Agora eu lembro: um passarinho riu. Filho da pedra.

E eu chorei sem lágrimas, sem nada. Chorei sem saber. Chorei pela pedra.

(Eu tropecei pra dentro.)

Tenho comigo uma espera que não sai. Caminho, e ela vai junto. Minhas tréguas são meus pequenos prazeres, esse vinho, aquele livro, o mato fechado... Carrego uma espera arcaica, com o peso de uma biblioteca de chumbo. Mas eu, eu sou leve, quando amo ou quando estou descalça na praia. Tem dias que até levito, ávida de nuvens, olhando o mar esverdeado. Meu sonho é de gaviotas. E, nesses dias, afogo minha espera em música.

Eu tenho o meu silêncio. Mastigo, saboreio, e nada fala. Chupo e engulo sem fazer barulho. Todas as sílabas que não há. A palavra *zero*. O meu silêncio é vasto e não rima. É atravessado de raiva e tesão. Vibra como tudo que pulsa e me arrasta para o delírio. Mas não fala. Cala em mim o que voa, o que parte, e se apodera de um desejo. O meu silêncio me come. E eu mato minha fome dentro dele, dizendo: